

UMA LUTA POR MUDANÇAS: A ESCOLARIZAÇÃO E AS REGRAS DA POLÍTICA LOCAL NA SUÉCIA (1840-1900)

Johannes Westberg¹

Tradução: Osvaldo Freitas de Jesus²

Revisão Técnica: Wenceslau Gonçalves Neto³

RESUMO: Por meio de um extenso estudo de 12 paróquias na região de Sundswall, este artigo, com o viés dos estudos de história econômica e social da educação, examina as mudanças e continuidades das políticas escolares durante o século XIX. Usando a região de Sundswall no nordeste da Suécia como ponto de partida, este texto analisa como os conflitos básicos transformaram-se quando a estrutura social e a franquia política mudaram, na segunda metade o século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Distritos escolares. Política local. Conflitos sociais.

ABSTRACT: Through an extensive study of 12 parishes in the Sundswall region, this article, with the bias of the economic and social history studies of education, examines the changes and continuities of school policies during the nineteenth century. Using the Sundswall region in Sweden's northeastern as a starting point, this article analyzes how the basic conflicts have transformed, when the social structure and the political franchise have changed in the second half the nineteenth century.

¹ Conferencista sênior de História da Educação, Uppsala, Suécia. e-mail:johanness.westberg@edu.uu.se.

² Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Professor aposentado pela Universidade Federal de Uberlândia e docente da Universidade de Uberaba (UNIUBE) e do Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos-MG.

³ Doutor em História pela Universidade de São Paulo – USP. Professor titular aposentado do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e docente da Universidade de Uberaba (UNIUBE).

KEYWORDS: School districts. Local politics. Social conflicts.

Introdução

Durante o século XIX, as condições da política escolar local foram alteradas nas paróquias da Suécia. Em razão das revoluções agrária e industrial, durante o século XIX, a estrutura social da população da Suécia mudou, convergindo para um quadro de desigualdades sociais e contribuindo para o surgimento da classe trabalhadora assalariada, paralelo ao capitalismo agrário e proprietários de fábricas. Para se adaptar a esse desenvolvimento, a política de franquia no nível local mudou na década de 80, ficando distribuída na proporção do imposto de renda em 1862.⁴

Neste estudo, analisa-se o impacto dessas mudanças na política escolar local, em uma tentativa de responder às seguintes questões: de que modo o direito do voto, então em mudança, afetou os conflitos na estrutura social? Como as políticas locais foram afetadas pelas mudanças na estrutura social acima mencionada? Com o fito de alcançar tal objetivo, este artigo apresentará um estudo de escolas rurais locais durante o período de 1840-1900. As fontes primárias de dados utilizadas nas análises são minutas das comissões da escola, assim como os encontros paroquiais e eclesiásticos. Como um estudo de política escolar local na Suécia, este artigo contribui também com os conhecimentos sobre os sistemas escolares elementares descentralizados.

Tal como o historiador Peter Lindert percebeu, a natureza descentralizada da escolarização provavelmente funcionou como um pré-requisito para sua expansão durante esse período. Visto que a organização e o financiamento foram determinados em nível local, as decisões de aumento de investimentos podiam ser realizadas, o que, em nível nacional, não poderia ocorrer. Deste modo, a expansão da educação de massa, durante o século XIX,

⁴ Cf., v.g., MAGNUSSOM, *Uma História Econômica da Suécia*; Nydahl, *I Fyrkens Tid. Politisk kultur i två angermanländska landskommuner*, 1860-1930, p. 17-18.

deveria ser vista como consequência de uma vontade política espontânea de cobrar impostos em milhares de distritos.⁵

Nesse aspecto, este artigo disserta a respeito de como a vontade política moldou o contexto social e político local. Aliás, a região de Sundswall desperta interesse particular, pois é um exemplo de como a política escolar funcionou no nordeste da Europa, lugar no qual foi relativamente forte o desenvolvimento da educação de massa. Conhecida por sua industrialização rápida, a região de Sundswall possivelmente fornece argumentos importantes sobre como fatores sociais moldaram o desenvolvimento do sistema escolar.

Políticas escolares locais e a expansão da indústria das serrarias na região de Sundswall

Durante o século XIX, a Suécia, assim como seus vizinhos escandinavos do nordeste europeu, era uma sociedade eminentemente agrária. Em 1850, menos de 10% da população vivia nas cidades e, mesmo em 1900, dois terços da população ainda vivia no campo. A Suécia, contudo, estava passando por uma profunda transformação social e econômica. Como resultado da revolução agrícola, do aumento da população e da produção provocados por esse processo, a diferenciação social apareceu. O número de proprietários de terra aumentou em 25% no período de 1750-1870, assim como o número de trabalhadores sem-terra, tais como os “crofters” (arrendatários), que arrendavam pequenas propriedades, ranchos e sítios, e raramente tinham acesso à alguma terra.⁶ A revolução industrial, a qual começou na metade do século, culminou também no surgimento de uma nova classe

⁵ Lindert, *Público Crescente: investimento social e desenvolvimento econômico desde o século XIII*, v. 1. *A Estória*, 116. Esta citação está na página 121. O significado de uma organização descentralizada já foi também discutido em *Beadie, Educação, capital social e formação em perspectiva histórica comparativa*, 15-32; Lindert e Go, *A ascensão desigual da escola pública americana em 1850*; Goldin e Katz, *A disputa entre educação e tecnologia*, cap. 4.

⁶ Gadd, *The Agricultural Revolution in Sweden, circa 1700-1900*, p. 45-51.

social. Além do aumento da classe trabalhadora, a classe média surgiu gradualmente, consistindo, dentre outros, de industriários e mercadores.⁷

A região de Sundswall, localizada no condado de Västernorrland, 380 km ao norte da capital de Estocolmo, foi uma das áreas nas quais o impacto do desenvolvimento foi mais profundo. Por ser uma área na periferia do nordeste da Suécia, caracterizada por pequenas propriedades e grandes áreas de florestas virgens, em 1840, essa região tornou-se um centro de rápido desenvolvimento industrial. A partir da metade do século, a região se transformou em uma das maiores áreas contínuas de indústrias de serrarias. Estas operavam em grandes escalas e eram movidas por motores a vapor, empregando um grande contingente de trabalhadores. Por ter sido acompanhada pelo aumento da população, essa mudança permite a comparação com o desenvolvimento dos Estados Unidos e com a expansão da indústria têxtil da Inglaterra. Sundswall, a qual se constituía de pequenos proprietários de terra, pescadores e comerciantes de madeira, tornou-se uma região ocupada por serralheiros, proprietários de serrarias e comerciantes. Desse modo, os ricos fazendeiros foram substituídos por homens de negócio.⁸

Assim como outros países, tais como a Dinamarca (1814), a França (1833), a Noruega (1848) e a Áustria (1864), a Suécia recebeu suas primeiras escolas de educação básica no século XIX, as quais tinham uma organização geral semelhante.⁹ A lei da Escola Primária Sueca, de 1842, estabeleceu um sistema de escola descentralizado, tendo 2.300 paróquias suecas encarregadas desse sistema. As paróquias, surgidas na Igreja

⁷ Cf. e.g, Magnusson, *Na Economic history of Sweden*, cap. 4.

⁸ Schön, *Västernorrland in the Middle of the Nineteenth Century: a study in the transition from smallscale to capitalistic production*, p. 83-85; Magnusson, *An Economical History of Sweden*, p. 117-121.

⁹ Soysal e Strang, *Construction of the First Mass Education Systems in the Nineteenth-Century Europe*, p. 278.

da Idade Média, e que viviam de fundos, tinham, então, novas responsabilidades durante o século XIX.¹⁰

A lei da escola elementar de 1842 dizia que cada uma das paróquias da Suécia deveria organizar pelo menos uma escola distrital, preferencialmente permanente (*folkskola*). Essas escolas distritais, com a responsabilidade financeira, deveriam ser dirigidas por uma comissão (*skolstyrelse*), assim como por um conselho paroquial (*sockenstämma*).¹¹ Até 1883, a escola distrital podia cobrar uma pequena taxa, entretanto os gastos principais eram provenientes das paróquias e de doações do governo.¹² Esse grande número de escolas pressupõe que elas eram relativamente pequenas. Para ilustrar, em 1900, cada escola distrital empregava uma média de seis professores.¹³

Durante a segunda metade do século XIX, esse sistema de escola elementar sofreu várias mudanças. Com o aumento do número de alunos, cresceu também a intervenção do estado por meio de doações, inspeções e da profissionalização docente; houve, inclusive, o aumento de profissionais do sexo feminino, fator que se tornou muito significativo. Sendo basicamente calculado com base na propriedade rural (*mantal*) ou na renda tributável dos indivíduos, o número de votos ficou distribuído na proporção da renda tributável no início dos anos 1860. Semelhante aos acionistas de uma sociedade anônima (*fyrkar*), o número de votos atribuídos aos paroquianos era proporcional à sua renda tributável.¹⁴

¹⁰ Nydahl, *I fyrkens tid. Politisk kultur i tva angermandänska landskommuner 1860-1930*, 16; Tiscornia, *Statens, godsens eller böndernas socknar? Den sockenkommunala självstyrelsens utveckling in Västerfärnebo, Stora Malm och Jäder 1800-1880*, p. 20-25.

¹¹ Com respeito à lei da escola elementar sueca, cf. Boli, *New Citizens for a New Society; the institutional origins of mass schooling in Sweden*, p. 227.

¹² Michäelsson, *From tree felling to silver lining: diverse ways of funding elementary schools among Swedish ironworking communities, 1830-1930*, p. 53.

¹³ Bisos P. (1900), tab. 2. Esta tabela inclui escolas alugadas e possuídas pelas escolas distritais.

¹⁴ Nydahl, *I fyrkens tid. Politisk kultur in tva angermanländska landskommer 1860-1930*, p. 17-18.

Essa mudança na estrutura fiscal produziu importantes consequências, sendo a principal o direito de participação de todas as pessoas legalmente constituídas nas decisões. Assim, o direito de votar não estava mais restrito aos indivíduos e àqueles que representavam os mortos nas votações. Com isso, o voto se difundiu, pelo menos em nível local. No entanto, o direito ao voto era seletivo. As pessoas pobres tinham que se contentar com alguns ou mesmo nenhum voto; já os ricos ou as empresas tinham milhares de votos, chegando mesmo a alcançar a maioria em algumas paróquias.



Figura 1. Vista da região rural de Sundswall. Esta fotografia mostra o centro paroquial de Ljustorp por volta de 1895. Ela fornece uma ideia sobre o meio agrário, em que uma paróquia era o centro da vida geográfica, social e cultural. Fotógrafo: Olof Pettersson Engström. Fonte: Arquivo da sociedade histórica local de Ljustorp.

Westberg, *From home education towards a national school system in Sweden* (no prelo).

Assuntos recorrentes relativos aos professores e aos prédios das escolas

Apesar das mudanças sociais e relativas ao sistema de votos anteriormente mencionadas, e da política relacionada à escola local, alguns problemas eram recorrentes no período estudado. Isso não é surpresa, visto que a estrutura da escola sueca não mudou nesse período de tempo. Como o salário dos professores e as instalações escolares continuaram sendo os problemas principais, o debate que aconteceu nas reuniões paroquiais e as comissões de educação tinham como foco esses dois pontos.¹⁵ A paróquia deveria construir mais escolas? Quem deveria pagar as despesas da construção e o salário dos professores? Onde deveriam ser construídas as escolas? Quais professores seriam contratados? As respostas para essas questões variavam de acordo com a posição da pessoa na comunidade.

Um assunto recorrente era a problemática do professor. Na região de Sundswall, onde o conflito com a Igreja Batista era marcante, as questões relacionadas à fé ganhavam relevo. O professor deveria ser um verdadeiro cristão? E mais, deveria ensinar as crianças de acordo com a doutrina oficial? Ele teria força mental e física suficientes para manter a disciplina? Se não tivesse sucesso no ensino, o que faria? E ainda: o que fazer quando o professor ficasse velho, fraco ou punisse de maneira exagerada os alunos?

Uma boa ilustração para esses problemas é o caso do professor Frans Östman, cujas ações foram parar nas mãos da comissão da paróquia de Tynderö no início da década de 1870. As acusações atribuídas a Östman abrangiam inclusive a negligência, uma vez que ele era acusado de haver permitido que alunos de 10 a 14 anos conduzissem as aulas e, infelizmente, estes haviam atacado os colegas com brasas e correntes. Depois de removido da paróquia, suspeitou-se de que ele pretendia criticar o clero da Igreja Batista.¹⁶

¹⁵ Westberg, How did the nineteenth century rural schoolhouse cost to build?

¹⁶ Atas do Comitê Escolar, janeiro/30, fevereiro?13, 1870. K3a:1, Arquivos da Igreja de Tynderö (Ka), Arquivos estaduais regionais de Häarnösand (LH); Nydahl, I fyrkens tid. Kultur i två angermanländska landskommer 1860-1930, 130.

Sempre que o debate sobre a expansão das escolas era abordado, questões relacionadas aos custos da criação de mais escolas surgiam, e o argumento financeiro sempre prevalecia nessas horas. Os párocos alegavam que a situação da paróquia era muito difícil, justificando assim sua ideia contrária à construção de novas escolas e à contratação de novos professores. Moradores endividados, terras esgotadas, florestas derrubadas, escassez de pescados e pobreza geral eram problemas aventados durante as discussões sobre novas escolas, salários de professores e verbas do governo.¹⁷ Na paróquia de Alnö, o argumento dos tempos difíceis impediu a construção de uma nova escola para os invernos de 1878 e 1893. O exemplo da paróquia de Indal foi utilizado para contrapor à iniciativa de Alnö.¹⁸

Entre os argumentos utilizados para justificar a necessidade de novas escolas e novos professores estavam o crescimento da demanda de novos alunos e a negligência geral. Por exemplo, habitantes de vilarejos, como a paróquia de Njurunda, alegaram em 1890 que a população havia crescido muito e as acomodações das escolas não suportavam tamanho crescimento. A solução para o problema implicava construir novas escolas para, pelo menos, mais 50 crianças, o que foi feito em 1892.¹⁹

Esses argumentos sempre se juntavam a descrições da precariedade das escolas existentes. No município de Alnö, por exemplo, em razão da superlotação das salas, os alunos que se assentavam perto das paredes ficavam quase congelados, fato que foi utilizado como argumento para a construção de uma nova escola.²⁰ Aquecimento ruim e número exorbitante de crianças eram fatores para encorajar a comissão escolar a, pelo menos, começar a

¹⁷ Cf. e.g., Carta ao Rei (*sine data*, 1840s), K4c:1, Njurunda Ka, LH; Atas da paróquia, fevereiro/23, 1879, K2:1, Indal Ka, LH; Atas dos encontros da paróquia, junho/12, 1859, K1:1, Tynderö Ka, LH; Atas dos encontros da paróquia, dezembro/21, 1851, K1:2, Alnö Ka, LH.

¹⁸ Atas do comitê escola, janeiro/27, 1893, K4:a:2, Indal, LH; Atas do comitê escolar, setembro/7, 1878, P1:3, Skön Ka, LH.

¹⁹ Atas do comitê escolar, outubro/24, 1890, K4a:2, Njurunda Ka, LH.

²⁰ Atas do comitê da paróquia, junho/11, 1854, K1:2, Alnö Ka, LH.

pensar sobre o assunto no vilarejo de Vapelnäs, visto que os meninos, assentados nas mediações das paredes, tremiam de frio.²¹

Quando se chegava à decisão de construir uma escola, aparecia então a questão de onde construí-la. Tal como aconteceu nos Estados Unidos, também sucedeu nessa região.²² Ao ter que decidir o local para a construção da escola, questões relativas à geografia, à estética e às leis eram sempre preponderantes. Em geral, os municípios de Sundswall as construíam em lugares aprazíveis que pudessem ser doados por seus proprietários.

As considerações feitas acima podem ser ilustradas com a construção da escola da paróquia de Selånger na segunda metade da década de 1890. No dia 13 de agosto de 1896, o conselho da escola, em sua maioria, decidiu examinar três lugares apontados por uma comissão nomeada. Primeiramente, o conselho visitou um lugar na região mais alta (Upper). No caso, além de não estar centralmente localizado, estava também muito perto das fazendas (somente a 31 metros) e a terra frequentemente sofria inundações. Outros fatores negativos ainda pioravam a situação. Observou-se que havia uma cocheira localizada no meio da propriedade que não poderia ser removida. Além disso, a titulação da propriedade também era incerta.²³

Na sequência, o conselho visitou um lugar chamado Middle. Diferente do caso anterior, essa propriedade estava centralmente localizada, era imune a enchentes e apresentava uma bela vista. Posto que estava em uma ladeira, não seria difícil realizar uma construção com subsolo, o que era considerado uma vantagem. Depois de visitar o local, o conselho da escola resolveu ir, ainda, até a terceira localidade, denominada como Lowest (a mais baixa),

²¹ Atas do comitê escolar, maio/11, 1890, K4:2, *Nyurunda* Ka, LH; Atas do comitê escolar, janeiro/13, 1895, K3a:1, *Nyurunda* Ka, LH. As citações do Apêndice da ata do encontro do comitê escolar e da equipe pedagógica, outubro/17, 1896, K4c:2, *Nyurunda*, Ka, LH. Ênfase dada pelo autor.

²² Cf. e.g., Link, *Um país difícil e um lugar isolado: escolarização, sociedade e a reforma na zona rural de Virginia, 1870-1920*, 37; Fuller, *A escola do velho interior: A história da educação rural no centro-oeste*, 60-64.

²³ Atas do comitê da escola, agosto/13, 1896, K3:1, *Sälanger* ka, LH.

já conhecida por alguns dos membros do grupo e julgada inferior à segunda apresentada, além de não ser uma região central.²⁴

Conflitos envolvendo professores, vigários, paróquias e vilarejos

Sempre que esses assuntos eram retomados, encontros paroquiais e eclesiais eram acionados, surgindo conflitos grupais e individuais. Dentre os mais frequentes, estava o conflito entre os vigários, os quais presidiam os conselhos paroquiais e o conselho da escola.²⁵ Normalmente, o vigário, a favor do Iluminismo e do Cristianismo, queria expandir ao máximo a escola, na proporção das necessidades do povo, enquanto os paroquianos tinham uma visão mais comedida. O relacionamento entre os conselhos de escola e professores apresentavam uma dinâmica especial, pois esses últimos reivindicavam melhores salários, melhores instalações, ao mesmo tempo em que o conselho da escola recomendava a manutenção do controle das despesas. Além disso, conflitos entre os vilarejos e disputas entre as paróquias eram situações muito frequentes.

Tais confrontos podiam aparecer de maneira aberta. Acredita-se, por exemplo, que a política sueca local, durante o século XIX, fosse caracterizada como ideológica.²⁶ Em Sundswall, contudo, o consenso não era um objetivo da política local. Em virtude de um leque de interesses expressos por diferentes grupos nos encontros paroquiais e nos conselhos escolares, os debates podiam se tornar acalorados. De fato, unanimidade e concordância poderiam representar ideias importantes. Mas sempre que os paroquianos

²⁴ Atas do comitê de escola, agosto/13, 1896, K3:1, Sälanger ka, LH.

²⁵ No que se refere ao papel do pároco na organização do sistema escolar sueco, cf. e.g., Boli, *Novos cidadãos para uma nova sociedade: as origens institucionais da escola de massa na Suécia*, 227; Tegborg, *Folkskolans sekularisering 1895-1909. Upplösning av det administrativa sambandet mellan folkskola och kyrka e Sverige*, 17-18.

²⁶ Gustavsson, *Sockenstugans politiska kultur: local självstyrelsee på 1800-talets landsbygd*, 96

podiam se envolver com fatos mais ou menos importantes, as discussões saíam do controle.²⁷ Nessas ocasiões, o vigário sempre intervinha acalmando os ânimos, recomendando menos paixão nas discussões. Em outras circunstâncias, as discussões tornavam-se longas e desorganizadas, quando não agressivas.²⁸

Conflitos envolvendo párocos e paroquianos eram frequentes e muito acalorados. Por exemplo, o vigário da paróquia de Skön, acredita-se, teria dito que fecharia a boca de um paroquiano, caso ele mesmo não o fizesse.²⁹ Esses desentendimentos, contudo, eram menos agressivos e mais cautelosos. Um exemplo aconteceu quando o ministro Per Backlund batalhou por uma nova escola na paróquia de Alnö na década de 1850, o que produziu grande resistência por parte dos frugais habitantes da paróquia. Em maio de 1855 alguns paroquianos rejeitaram o plano para a escola nova ou reformada sem apresentar uma razão que justificasse tal rejeição, isto é, para alguns a escola atual estava à altura das necessidades da comunidade; já para outros, o assunto não era tão urgente.³⁰

A resistência popular contra investimentos no sistema escolar na paróquia de Alnö continuou. Em junho de 1855, os esforços do ministro foram recebidos com uma onda de protestos. Alguns paroquianos argumentavam que as salas eram amplas, muito embora, em algum momento, tivessem admitido que elas fossem um tanto pequenas. Outros rejeitavam a ideia de um novo prédio e, ainda, havia aqueles que diziam que se envolveriam em uma nova construção apenas se obrigados por lei. Pior ainda, havia os que diziam que quem fosse a favor da nova construção deveria pagar a conta sozinho.³¹

²⁷

²⁸ Atas dos encontros paroquiais, março/23, 1846, K1:3, *Nyurunda* ka, LH; Atas dos encontros paroquiais, dezembro/29, 1880, K1:4, *Hässjö* ka, LH; Atas de encontros paroquiais, julho/27, 1845, *Ljustorpo* ka, LH.

²⁹ Svedberg, *Fran gamla Skön. Första delen*, 84.

³⁰ Atas dos encontros paroquiais, maio/20, 1855, K1:2, *Alnö* ka, LH.

³¹ Atas dos encontros paroquiais, junho 10, 1855, K1:2, *Alnö* ka, LH.

Disputas entre os vilarejos da paróquia eram muito comuns. A distância entre os vilarejos poderia ser significativa, pois viajar para o nordeste da Suécia no inverno não era fácil. O deslocamento para a escola era sempre muito longo e difícil. Em 1865, 14% das crianças percorriam mais de 5 km até a escola.³² Tais circunstâncias significavam que o deslocamento sempre se transformava em questão política. Um exemplo disso é o processo que durou dezoito anos, relativo ao vilarejo de Baggböle. No fundo, o processo tinha a ver com um conflito entre os vilarejos da paróquia de Indal (na qual estava Baggböle). No início de 1879, os habitantes de Baggböle tinham doado um terreno para a construção de uma escola. Conforme as atas, a proposta dos paroquianos era razoável. O terreno ficava em uma região central e, pelo fato da doação, os custos da escola ficariam menores. Incompreensivelmente, todos os outros vilarejos rejeitaram a proposta.³³

No ano seguinte a mesma questão foi levantada pelos paroquianos, e novamente a proposta de se construir uma escola em Baggböle foi rejeitada. Deste modo, o assunto foi encerrado. Dez anos mais tarde o assunto voltou à tona, motivado por uma nova oferta de terreno em uma região central, sendo que a construção deveria ser feita até o outono de 1892. Após uma troca de ideias bem acalorada, influenciados pelos altos custos da construção, a proposta foi mais uma vez rejeitada. Somente em 1897 tal construção seria aprovada.³⁴

Por fim, conflitos entre as paróquias eram também muito comuns. Em primeiro lugar, um dos motivos estava relacionado ao fato de que crianças de uma paróquia iam para outra, sem que se fizesse uma consulta e uma compensação financeira.³⁵ Em segundo lugar, os conflitos ocorriam quando as paróquias

³² Bisos P. (1868), xi-xii.

³³ Atas dos encontros da paróquia, fevereiro 23, 1879, K2:1, *Indal ka*, LH.

³⁴ Atas dos encontros da paróquia, janeiro 4, 1880; agosto 24, 1880; dezembro 27, 1894; maio 27, 1896; junho 7, 1897, K2:1, *Indal ka*, LH.

³⁵ Cf. v.g., atas dos encontros da paróquia, fevereiro 3, 1847, K1:3, *Selånger ka*, LH.

tentavam compartilhar escolas.³⁶ Havia, por exemplo, um plano de compartilhamento de uma escola localizada na paróquia de Timrä com a vizinhança de Alnö e Skön.³⁷ Visto que esse plano envolvia três paróquias com economias separadas, variando na distância e com administrações independentes, surgiram, então, conflitos, confirmando o quão difícil era a cooperação entre tais paróquias com relação à escola. Estando a paróquia de Timrä localizada no próprio município de Timrä, argumentava-se que ela deveria pagar uma quantia maior no quesito salário dos professores. Nesse caso, os paroquianos de Timrä não aceitaram o presente de grego.³⁸ Diante disso, as paróquias decidiram não cooperar entre si, alegando dificuldade e perigo para os alunos durante os 125 m de caminhada entre Alnö e Timrä. O melhor mesmo seria cada paróquia cuidar da sua própria escola. Mais ainda, cada escola deveria cuidar da educação moral de seus alunos e ter seus próprios professores.³⁹

Políticas escolares entre os sem-terra e os proprietários dos vilarejos

Apesar das continuidades óbvias na política escolar local, houve algumas mudanças ocasionadas pela franquia política e pela expansão da indústria madeireira na região de Sundswall. Acima de tudo, a linha de conflito entre os diferentes grupos sociais mudou quando a questão de bancar as despesas da escola entrou em cena. Esse conflito era recorrente em muitos municípios, embora formulados de maneiras diferentes, dependendo de fatores estruturais, sociais e étnicos. No sul dos Estados Unidos,

³⁶ Cf. e.g. atas dos encontros da paróquia, fevereiro 3, 1847, K1:3; Sätma ka, LH; atas dos encontros da paróquia, setembro 8, 1844, K1:4, *Atmar* ka, LH.

³⁷ Atas dos encontros da paróquia, maio 21, 1843, K1:1; Alnö ka, LH; Carta ao Rei, janeiro 16, 1846, n. 25, Bureau de assuntos educacionais e eclesiástico, Arquivos nacionais (RA).

³⁸ Atas dos encontros da paróquia, dezembro 14, 1845, K1:3, *Timrä*, ka, LH.

³⁹ Carta ao Rei, março 24, 1847, n. 15, Bureau de assuntos educacionais e eclesiásticos, Ra.

o conflito envolvia membros das populações branca e negra. “Os brancos pagam a escola e os negros vão para a escola” era um falso *slogan*. Na Rússia, os nobres e os camponeses também tinham seus embates. No meio-oeste americano, a luta era entre os trabalhadores imigrantes e os fazendeiros permanentes.⁴⁰ Durante os primeiros anos da escola primária, os debates sobre o salário dos professores das primeiras séries e sobre os prédios dessas escolas centravam-se nas questões das despesas distribuídas entre os fazendeiros e os sem-terra. As diferenças entre esses dois grupos apareciam de vários modos. Em algumas paróquias, os fazendeiros estavam separados dos arrendatários e de seus peões; em outras, a dicotomia estava configurada em fazendeiros de um lado e as demais pessoas do outro lado.⁴¹ Em Alnö, arrendatários e seus peões incluíam artesãos, barqueiros, madeireiros e trabalhadores rurais e industriais. Já em Timrå, a definição da população dos sem-terra incluíam arrendatários, artesãos, barqueiros, trabalhadores com suas propriedades, bem como chacareiros.⁴² Os sem-terra formavam um grupo bem heterogêneo, marcado, sobretudo, pela falta de propriedade, de condições de moradia e de condições de trabalho. Nesse grupo, estavam incluídos os velhos e os doentes, os quais não possuíam empregos e moravam com seus familiares em pequenas propriedades alugadas e destinadas à agricultura. Mesmo os artesãos, assim como os madeireiros, ferreiros e alfaiates estavam incluídos nessas categorias, assim como os barqueiros da esquadra sueca.

Os debates geralmente ficavam centrados em questões relativas a como os gastos deveriam ser divididos entre esses

⁴⁰ Margo, “Race Differences in Public School Expenditures: Disfranchisement and School Finance in Louisiana, 1890-1910”, 18; Eklof, “The Myth of the Zemstvo School: The sources of the expansion of rural education in imperial Russia: 1864-1914”; Theobald, CallSchool: Rural education in the midwest to 1918, 51, 85, 178.

⁴¹ Cf. e.g., Atas dos encontros da paróquia, fevereiro 26, 1843; maio 25, 1843, K1:1.; *Alnö ka, LH*; atas da comissão escolar, novembro 7, 1847, K4a:2, *Ljustorp ka, LH*.

⁴² Atas das comissões da paróquia, maio 21, 1843, K1:1; *Alnö ka, LH*; Atas das comissões da paróquia, outubro 8, 1854, K1:3, *Timrå ka, LH*.

grupos. Questionava-se se o fazendeiro rico deveria pagar metade, dois terços ou mesmo um quarto das despesas da escola. Até que ponto as condições de habitação das famílias deveriam ser levadas em conta? Qual o peso que o tamanho da residência teria nessas decisões? Os sem-terra deveriam pagar pelo menos o material utilizado nas escolas?

No que dizia respeito ao salário dos professores, esse assunto tinha desdobramentos diferentes. Durante o período pesquisado, o salário dos professores era pago da seguinte forma: parte em moeda e parte em gêneros. Em geral, as paróquias preferiam que o salário fosse pago pelos fazendeiros, variando a participação dos sem-terra quanto à obrigação de pagar em dinheiro vivo. Em Indal, a proporção a ser paga era distribuída em igualdade de condições entre os pagadores de impostos, sem levar em consideração o fato de se possuir ou não terra. Já em Timrä, os sem-terra pagavam cerca de três quartos do salário em dinheiro, enquanto em Alnö o dinheiro vivo a ser pago cabia aos sem-terra.⁴³

A lei da escola primária de 1842 propôs, de acordo com o código do regulamento da construção de prédios públicos, que os custos das novas escolas fossem bancados pelos fazendeiros. Ademais, ela entendeu que o trabalho fosse bancado tanto por fazendeiros quanto pelos sem-terra.⁴⁴ Contudo, no debate político local, algumas escolas e regiões queriam estabelecer outras formas de divisão de despesas. Na paróquia de Alnö, os debatedores consideravam o tamanho da população sem-terra. Visto que uma proporção grande de habitantes não tinha propriedade, o conselho decidiu que apenas um terço ou um quarto das despesas feitas com a manutenção das salas de aula na casa paroquial (*sockenstuga*) fosse paga por eles.⁴⁵ Os

⁴³ Atas dos encontros da paróquia, dezembro 11, 1842, K1:1; *Indal ka, LH*; Atas de encontros da paróquia, agosto 13, 1843, K1:3; *Timrä ka, LH*; Atas de encontros da paróquia, setembro 7, 1856, K1:2, *Alnö ka, LH*.

⁴⁴ Swedish code of states (SFS), 1842: 19; The Building code of 1934, cap. 26, parágrafo primeiro, em Backman, Ny Samling. H. 1, Innehallande de fyra balkarne af 1734 ars lag.

⁴⁵ Atas dos encontros da paróquia, fevereiro 26, 1843, K1:1, *Alnö ka, LH*.

sem-terra, contudo, não gostaram dessa decisão, pois haviam ficado com muito peso em seus ombros. Como consequência, os fazendeiros pagariam três quartos das despesas da construção da escola, mas somente se os sem-terra pagassem uma parte maior do salário dos professores.⁴⁶

Para evitar conflitos durante a construção, uma comissão composta de sem-terra e proprietários foi constituída para administrar esses custos. Ambos os grupos concordaram que os fazendeiros pagassem as despesas com pregos, ferro, vidro, trabalho de pintura e um fogão de cerâmica (excluindo custos com tijolos, barro e areia). Entretanto, não houve acordo para as despesas relativas às tábuas. Os fazendeiros alegaram que os sem-terra deveriam pagar, mas estes não aceitaram porque as tábuas eram produzidas nas terras dos proprietários. No final, os sem-terra terminaram por não pagar os custos do madeiramento.⁴⁷

Uma outra solução foi conseguida na paróquia de Ljustorp. Antes da construção do prédio em 1847, a distribuição de despesas entre fazendeiros e sem-terra foi discutida. O processo inicial assemelhou-se àquele de Alnö – os sem-terra deveriam custear cerca de um terço a um quarto da construção. Como nenhuma das partes concordou, no final os fazendeiros pagaram pelos custos do material, enquanto os sem-terra pagaram pelos custos da mão de obra.⁴⁸

Pode-se notar que as soluções relacionadas às despesas da construção da escola na paróquia nunca foram alcançadas com facilidade. Em Skön, os debates eram sempre fervorosos e os encontros curtos e insuficientes. A razão para tal residia no fato de que qualquer distribuição de despesas esbarrava nas desigualdades sociais. Como a maior parte das pessoas era composta por sem-terra, os fazendeiros alegavam que os arrendatários deveriam pagar pelo menos na proporção de um terço. Já estes, por sua vez, alegavam que os fazendeiros formavam a maioria, razão pela qual os sem-terra deveriam pagar

⁴⁶ Atas dos encontros da paróquia, dezembro 25, 1843, K1:1, *Alnö* ka, LH.

⁴⁷ Atas dos encontros da paróquia, dezembro 22, 1850, K1:1, *Alnö* ka, LH.

⁴⁸ Atas dos encontros da paróquia, dezembro 7, 1845, K1:4, *Lyustorp* ka, LH.

apenas um quarto das despesas da construção. Como nenhum consenso foi alcançado, o resultado final foi decidido no jogo de dados, que favoreceu os fazendeiros.⁴⁹

Conflitos estruturados pela mediação de distribuição de renda

As mudanças na política de isenção (franquia) durante a década de 1860 significaram que o caráter da política escolar local deveria sofrer transformações, em parte porque o direito de voto ficou vinculado à proporção do imposto de renda recolhido dos fazendeiros, arrendatários e sem-terra. Com isso, o conflito permaneceu entre os que possuíam renda maior – aqueles que tinham uma quantidade grande de votos (*fyrkar*) – e os que não tinham. O conflito foi posteriormente reforçado, porque os impostos referentes às paróquias, em geral, também ficaram estipulados, tendo como base a renda, em vez de, por exemplo, a posse de terra.⁵⁰

Por causa da expansão da indústria madeireira, os votos ficaram injustamente distribuídos entre a população. Por exemplo, um indivíduo e mesmo uma companhia possuíam 34% dos votos na paróquia de Njurunda em 1904, 29% em Timrä e 25% em Skön.⁵¹ Essa proporção injusta de direitos e responsabilidades sempre gerava conflitos intermináveis. Estudos anteriores forneceram exemplos de como os privilégios favoreciam as elites, por exemplo os *junkers* alemães, os *tories* da Inglaterra e os agricultores dos Estados Unidos, os quais impediam a expansão da escola, temendo que a educação produzisse um mal-estar social.⁵² Os proprietários de serrarias e os comerciantes afluentes de Sundswall não mostravam qualquer preocupação. Entretanto, ficavam cautelosos quanto ao volume de despesas que deveriam

⁴⁹ Atas dos encontros da paróquia, março 19, 1843; junho 5, 1843, K1:3 *Skön ka*, LH.

⁵⁰ Thulin, *Om mantalet II*, 147.

⁵¹ Bisos R (1904), tab. 1:21.

⁵² Cf. eg., Lindert, *Growing public: social spending and economic growth since the eighteenth century*, v. 1 *The Story*, 100-101.

pagar relativo à expansão do sistema escolar. Em outros termos, temiam mais as despesas do que o efeito da educação oferecida.

Esses conflitos poderiam ser formulados em termos da responsabilidade que as companhias assumiram nas paróquias. In Attmar, as fábricas de ferragem de Sörfors queriam evitar ter que pagar pelo sistema inteiro de escolas da paróquia, preferindo pagar somente por aquelas que estivessem nos arredores da fábrica.⁵³ Em outros exemplos, debatia-se se as despesas deveriam estar ligadas à propriedade ou ao imposto de renda. Como esperado, aqueles que tinham uma renda maior tinham também mais votos e, conseqüentemente, maior poder de decisão. Isso significava que tais custos poderiam ser cobertos por meio de impostos sobre a propriedade.

Um exemplo desse caso foi o debate sobre a construção da escola de Rude, em 1884. O conselho da paróquia tinha duas opções: a construção seria paga na proporção da renda, o que estava de acordo com as regras de impostos locais; ou a despesa seria distribuída também entre os proprietários de terra da paróquia. Como os eleitores ficariam beneficiados com a segunda proposta, ela foi aprovada, ainda que contrária à lei vigente e mesmo estando presente apenas 7% dos 26% de eleitores.

As novas regras de política local afetaram também outros problemas que não a taxaçoão de impostos. Um caso importante foi saber onde as escolas seriam construídas. No começo, era difícil colocar uma escola longe do vilarejo, já que os proprietários não tinham votos suficientes para decidir. Entretanto, quando o sistema de votos por renda começou a operar, até mesmo as propostas controvertidas passaram a ser aprovadas. Por exemplo, uma minoria de habitantes de Ljustorp decidiu fazer uma escola no vilarejo de As. Como os votos do pároco e do proprietário Johan August Enhörning foram favoráveis, a proposta foi aceita, formando um cômputo de 2.700 votos a favor e somente 900 contra.⁵⁴

⁵³ Atas dos encontros da paróquia, dezembro 18, 1881, K1:7, *Attmar ka, LH*.

⁵⁴ Atas dos encontros da paróquia, dezembro 18, 1881, K1:7 *Attmar ka, LH*.

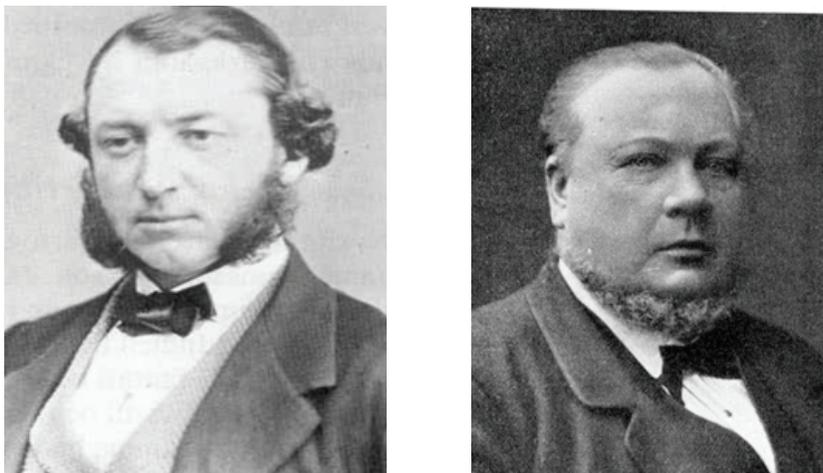


Figura 2. Proprietários de serrarias, Oscar Dickson (1823-1897) e Johan Augus Enhörning (1824-1885). Fotografia desconhecido.

O fato de que rendas individuais mudavam facilmente ao longo do tempo criou problemas especiais na região de Sundswall. Durante a segunda metade do século XIX, a indústria da madeira expandiu-se sem precedentes, mudando o sistema de votos nos municípios das serrarias. Madeireiras e seus proprietários ganharam com essa mudança, enquanto os fazendeiros saíram perdendo.⁵⁵ Por outro lado, assim como a indústria da madeira gerou fortunas, ela também poderia recair, como aconteceu durante a década de 1870 e início da década de 1890. Em Njurunda, na década de 1890, os fazendeiros perceberam que o número de votos caiu de 158.000 para 65.000 em apenas dois anos.⁵⁶

Na interseção do ciclo da indústria madeireira, a renda como base para impostos e eleição, as escolas do município tinham como opção para financiar seus projetos impostos ou empréstimos.

⁵⁵ Carta ao Rei, outubro 24, 1873, n. 18, Bureau de assuntos eclesiásticos e educacionais, RA.

⁵⁶ Tedbrand, *Västernorrland och Nordamerika 1875-1913: utvandring*, 14; *Nydhal, I fyrkens tid. Politisk kultur i två angermanländska landskommuner 1860-1930*, 20.

Em Njurunda, esse assunto foi discutido em 1892, quando uma proposta de expansão do sistema escolar foi discutida em uma reunião da comissão da paróquia. Uma maioria de 26.581 votos, controlada por apenas seis pessoas, financiou uma quantia de 55.000 *kronos* suecos, a serem pagos em vinte anos, valor com o qual foram construídas oito escolas novas. Embora 46 pessoas tivessem votado contra, como representavam apenas 2.788 votos, a decisão final seguiu o voto da maioria.⁵⁷

As razões para esse resultado eram óbvias. Isto é, para aqueles que tinham renda alta, tais como Oscar Dickson, empresário do ramo madeireiro, a melhor maneira de custear a construção de novas escolas era o financiamento. O rendimento do ramo madeireiro deveria diminuir nos próximos anos, para eles. Pagar empréstimos no futuro, baseados em renda em declínio, parecia muito vantajoso aos comerciantes e empresários.

Os proprietários de serrarias também confiavam nas redes internacionais, as quais ofereciam excelentes oportunidades para se moverem a outras regiões dentro ou mesmo fora da Suécia no futuro, deste modo não pagando qualquer financiamento contraído. Por exemplo, durante os anos de 1839-1841, Oscar Dickson havia frequentado a academia de comércio Klügmanns, em Lübeck (Alemanha), e trabalhado no escritório de Dickson Brothers no sul da Suécia, (Gothenberg, entre 1846-1847).⁵⁸ Os fazendeiros, de modo diferente, com sua renda estável e com poucas oportunidades em outros lugares, preferiam pagar os projetos de escola em dinheiro, por meio de impostos, conseguindo inclusive transferir parte dessas despesas para os empresários da indústria madeireira.

⁵⁷ Carta ao Rei, setembro 21, 1984, n. 22, Bureau de assuntos eclesiásticos e educacionais, RA.

⁵⁸ Oscar Dickson, urn: sbl: 17518, Svekst biografiskt lexkon (art av W. Carlgren.), retrieved 2013-10-09.

Conclusões

Para concluir, este artigo procurou mostrar que mudanças nas relações sociais e o aparecimento de novas classes, derivadas da revolução industrial e agrária, afetaram a política escolar. Além de ter procurado localizar conflitos entre fazendeiros e nobres na Rússia e entre negros e brancos na América do Norte, este trabalho apresentou a história das mudanças em conflitos entre os que possuíam e os que não possuíam terra, assim como entre aqueles com renda alta e com renda inferior. É a história de como as mudanças na política escolar e a realidade social de Sundswall afetaram a expansão da escola primária em uma pequena área do nordeste da Suécia.

Este estudo buscou mostrar a política da escola local, caracterizada por um grande número de assuntos e conflitos, alguns dos quais eram recorrentes no período pesquisado. Os professores, por exemplo, não mostravam interesse pelas comissões das escolas, os paroquianos nem sempre tinham os mesmos interesses que os párocos, além do fato de que as necessidades de uma paróquia não coincidiam com as de outra. Outros assuntos surgiram também, tais como se a escola deveria ser expandida, quem deveria pagar pela expansão e onde elas seriam construídas.

O perfil da política sobre a escola mudou por causa das mudanças de concessão (*franchise*) política e da estrutura social da região de Sundswall. O mais importante é que o conflito da política escolar não era mais entre aqueles que tinham e os que não tinham terra, mas sim entre aqueles que tinham e os que não tinham renda alta. Os capitalistas desse novo período podiam forçar suas decisões contra a vontade da maioria, impondo os assuntos que lhes interessavam, tais como onde as escolas seriam construídas, o imposto das escolas ou o financiamento das construções.

Neste contexto, pode-se perceber que o conflito principal entre a elite e os demais grupos que compunham a sociedade não se restringia à questão do aumento do investimento no sistema escolar. De maneira diferente dos agricultores dos Estados

Unidos, dos *tories* na Inglaterra e dos *junkers* da Alemanha, os proprietários de serrarias na região de Sundswall não acreditavam na educação. Em vez disso, era relevante a questão sobre os gastos com as escolas e quem deveria pagá-los.

Como descrito na introdução, Peter Lindert, historiador e economista, enfatizou que a natureza descentralizada do sistema escolar do século XIX havia sido decisiva para sua expansão. De acordo com ele, foi a vontade de milhares de escolas municipais que permitiu o desenvolvimento desse sistema. Visto sob essa ótica, este artigo oferece *insights* adicionais de como a vontade política foi formada pela política local. Mais precisamente, ele mostra como a vontade política de investir na escolarização estava marcada pelas estruturas políticas de concessão (*franchise*) e como a vontade política surgiu dos conflitos entre grupos sociais diferentes.

Referências

Arquivos e Fontes

The National Archives

Bureau of Ecclesiastical and educational affairs

The regional state archives of Härnösand (LH)

Alnö church archives (ka)

Attmar ka

Hässjö ka

Indal ka

Ljustorp ka

Njurunda ka

Selånger ka

Skön ka

Sättna ka

Timrå ka

Tuna ka
Tynderö ka

The archive of Ljustorp's local history society
The image archive

Statistical works and official publications

Bisos P. Bidrag till Sveriges officiella statistik. Undervisningsväsendet
Bisos R. Bidrag till Sveriges officiella statistik. Valstatistik

Literatura

BACKMAN, Johan Harder. *Ny lag-samling. H. 1, Innehållande de fyra förste balkarne af 1734 års lag.* Örebro, 1831.

BEADIE, Nancy. *Education, social capital and state formation in comparative historical perspective: preliminary investigations*, IN: *Paedagogica Historica* (2010).

BOLI, John. *New citizens for a new society: the institutional origins of mass schooling in Sweden.* Oxford: Pergamon, 1989.

EKLOF, Ben. *The Myth of the Zemstvo School: The Sources of the Expansion of Rural Education in Imperial Russia: 1864-1914*, IN: *History of Education Quarterly* (1984).

FULLER, Wayne E. *The Old Country School: The Story of Rural Education in the Middle West.* Chicago & London: The University of Chicago Press, 1982.

GADD, Carl-Johan, 'The Agricultural Revolution in Sweden, ca 1700-1900', IN: *Different Paths to Modernity: A Nordic and Spanish Perspective*, ed. Jerneck, M., M. Mörner, G. Tortella and S. Åkerman (Lund: Nordic Academic Press, 2005).

GOLDIN, Claudia; KATZ, Lawrence. *The Race between Education and Technology*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2008.

GUSTAFSSON, Harald. *Sockenstugans politiska kultur: lokal självstyrelse på 1800-talets landsbygd*. Stockholm: Stadshistoriska institutet, 1989.

LINDERT, Peter; GO, Sun. The Uneven Rise of American Public Schools to 1850, IN: *The Journal of Economic History* (2010).

LINDERT, Peter H. *Growing public: social spending and economic growth since the eighteenth century Vol. 1 The story*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LINK, William A. *A hard country and a lonely place: schooling, society, and reform in rural Virginia, 1870-1920*. Chapel Hill: University of North Carolina, 1986.

MAGNUSSON, Lars. *An economic history of Sweden*. London: Routledge, 2000.

MARGO, Robert A.. Race Differences in Public School Expenditures: Disfranchisement and School Finance in Louisiana, 1890-1910, IN: *Social Science History* (1982).

MICHAËLSSON, Madeleine, From tree felling to silver lining: Diverse ways of funding elementary schools among Swedish ironworking communities, 1830-1930, IN: *History of Schooling: Politics and Local Practice*, ed. Aubry, C. and J. Westberg (Frankfurt am Main: Peter Lang, 2012).

NYDAHL, Erik. *I kyrkans tid. Politisk kultur i två ångermanländska landskommuner 1860-1930*. Sundsvall: Mittuniversitetet, 2010.

SCHÖN, Lennart. Västernorrland in the Middle of the Nineteenth Century: A Study in the Transition from Small-scale to Capitalistic Production, IN: *Economy and history* (1972).

SOYSAL, Yasemin Nuhoglu; STRANG, David. Construction of the First Mass Education Systems in Nineteenth-Century Europe, IN: *Sociology of Education* (1989).

SVEDBERG, Mattias Oskar Johannes. *Från gamla Skön. Första delen*. Sundsvall: s.n., 1947.

TEDEBRAND, Lars- Göran. *Västernorrland och Nordamerika 1875-1913: utvandring och återinvandring* Studia historica Upsaliensia, 42. Stockholm, 1972.

TEGBORG, Lennart. *Folkskolans sekularisering 1895-1909. Upplösning av det administrativa sambandet mellan folkskola och kyrka i Sverige*. Stockholm: Föreningen för svensk undervisningshistoria, 1969.

THEOBALD, Paul. *Call School: Rural Education in the Midwest to 1918*. Carbondale, Ill: Southern Illinois University Press, 1995.

THULIN, Gabriel. *Om mantalet II*. Stockholm: Norstedt, 1935.

TISCORNIA, Alberto. *Statens, godsens eller böndernas socknar? Den sockenkommunala självstyrelsens utveckling i Västerfärnebo, Stora Malm och Jäder 1800-1880*, Studia historica Upsaliensia, 169. Uppsala: Almqvist & Wiksell, 1992.

WESTBERG, Johannes. From home education towards a national school system in Sweden, IN: *The Dynamics of Religious reform in Church, State and Society in Northern Europe, ca. 1780 – ca. 1920. Volume III: Educational Reform*, ed. Dane, J. and A. Gestrich (Leuven: Leuven University Press, Forthcoming).

WESTBERG, Johannes. How much did the nineteenth century rural schoolhouse cost to build?, IN: *Scandinavian Journal of History* (Forthcoming).